



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

CHRISTHIA BARROS CAMPOS

INCLUSÃO SOCIAL: Contribuições do Enfermeiro na Assistência de Saúde ao Surdo

ARIQUEMES/RO

2020

CHRISTHIA BARROS CAMPOS

INCLUSÃO SOCIAL: Contribuições do Enfermeiro na Assistência de Saúde ao Surdo

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do Grau em Enfermagem apresentado à Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA.

Orientadora: Prof. Ma. Sonia Carvalho de Santana

ARIQUEMES/ RO

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon – FAEMA

C198i CAMPOS, Christhia Barros.

Inclusão Social: contribuições do enfermeiro na Assistência de Saúde ao Surdo . / por Christhia Barros Campos. Ariquemes: FAEMA, 2020.

46 p.; il.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Enfermagem - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Sonia Carvalho de Santana.

1. Comunicação. 2. Enfermagem. 3. Surdez. 4. Linguagem de Sinais. 5. Inclusão. I Santana, Sonia Carvalho de. II. Título. III. FAEMA.

CDD:610.73

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

CHRISTHIA BARROS CAMPOS

INCLUSÃO SOCIAL: Contribuições do Enfermeiro na Assistência de Saúde ao Surdo

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do Grau em Enfermagem apresentado à Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Banca examinadora

Orientadora: Prof.^a Ma. Sonia Carvalho de Santana
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof.^a Ma. Jessica de Sousa Vale
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof.^a Esp. Elis Milena Ferreira do Carmo Ramos
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 16 de Novembro de 2020

“Dedico a minha família, por ser a minha base.
Dedico aos surdos, por toda a sua luta
para ser incluídos na sociedade”

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiro a Deus por sempre ter me abençoado, a minha querida orientadora Sonia Carvalho de Santana independente de todos os problemas que tive no decorrer do trabalho, nunca me abandonou, incentivou em cada momento, obrigada pela paciência, conselhos e dedicação sempre serei eternamente grata a senhora.

Agradeço a minha mãe Cristiane Barros que é a minha inspiração de mulher que batalha até hoje para que eu consiga realizar os meus sonhos, deixou muitas vezes de ter algo, para ajudar os seus filhos, eu espero sempre te deixar orgulhosa mamãe. Ao meu irmão Kelbert Lennon, por ser a minha base para não desistir, espero sempre conseguir o mundo para você.

A minha tia Tatiane Barros, que o único horário de conversa era a meia noite, foi muitas vezes a minha quebra-galho, com carona na chuva, emprestando dinheiro, sempre ajudou o máximo que conseguia. Aos meus tios Adriana Barros e Alex Sandro Leal, que estão alguns quilômetros de distância mais sempre me ajudaram com o que podia, através de rifas, meus apoiadores das minhas maluquices.

Ao meu namorado Mateus Lima, obrigado por seu companheirismo, a sua paciência, pelo seu amor, sempre entendeu como a faculdade era importante para mim e nunca me abandonou, ao contrário, me apoiou grandemente em todas as minhas decisões. Queria agradecer também ao meu avô Jose Augusto e meu tio Gustavo Barros, que entenderam meus motivos por muitas vezes deixar de ir visita-los, nunca me questionaram, mais sempre me deram forças.

A minha falecida avó Maria de Lourdes, nunca vou esquecer que todos os meses juntava moedas e me dava para ajudar nas despesas do xerox da faculdade, sinto sua falta.

Aos meus docentes, sou grata por todos os conhecimentos transmitidos durante a minha graduação, especialmente a Jessica do Vale, Katia Regina, Elis Milena Regina e Sandra Capelo.

E por fim aos meus amigos de graduação, Karolliny Oliveira, Larissa Santos, Marcia lantas, Michel Amorim, Thiago da Hora, obrigado pelos momentos de alegrias, tristeza e aprendizados, obrigado pela amizade de vocês.

A todos a mencionados acima, amo vocês, sempre estarão guardados no meu coração, na minha vida, sem a ajuda de vocês eu não alcançaria, obrigada por tudo.

*"Quando eu aceito a língua de
outra pessoa, eu aceito a
pessoa. Quando eu rejeito a
língua, eu rejeitei a pessoa
porque a língua é parte de nós
mesmos. Quando eu aceito a
língua de sinais, eu aceito o
surdo, e é importante ter
sempre em mente que o surdo
tem o direito de ser surdo. Nós
não devemos mudá-los,
devemos ensiná-los, ajudá-los,
mas temos que permitir-lhes
ser surdo."*

Terje Basilier

RESUMO

O presente trabalho aborda a falta de inclusão na assistência de saúde ao paciente surdo, havendo uma dificuldade na comunicação devido ao desprovido de aprendizado da Linguagem de Sinais-LIBRAS, tornando o atendimento de enfermagem deficitário e incompleto. Este estudo objetivou em explanar sobre a dificuldade de comunicação entre o paciente surdo e o enfermeiro na assistência de saúde. Além de contextualizar a cultura surda; abordar perspectivas na formação acadêmica em LIBRAS e destacar as possíveis contribuições do enfermeiro frente ao atendimento ao surdo. Utilizou-se de um estudo de revisão de literatura que foi desenvolvido em duas etapas. A primeira etapa constitui na pesquisa bibliográfica, por meio de consulta de trabalhos indexados e publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), sistema de Informações da OMS (Organização Mundial da Saúde) e Acervo da Biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA) e Rede de Revistas Científica da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal (REDALYC), e DeCS- Descritores em Ciência e Saúde: Comunicação, Enfermagem, Surdez, Linguagem de Sinais. A segunda etapa constituiu na leitura e organização dos materiais selecionados para a elaboração deste trabalho compreendendo 52 referências. Percebe-se no estudo o despreparo dos enfermeiros em atender os sujeitos surdos, tornando a assistência prejudicada e ausentando os diagnósticos e cuidados essenciais dos pacientes. Após os pressupostos apresentados é evidenciado que a comunicação é o principal instrumento para uma boa assistência destacando-se a importância do profissional enfermeiro em obter o conhecimento de Libras.

Palavra Chave: Comunicação. Enfermagem. Inclusão. Linguagem de Sinais. Surdez.

ABSTRACT

The present work addresses the lack of inclusion in health care for deaf patients, with a difficulty in communication due to the lack of learning the Sign Language-LIBRAS, making nursing care deficient and incomplete. This study aimed to explain about the difficulty of communication between the deaf patient and the nurse in health care. In addition to contextualizing deaf culture; to approach perspectives in academic training in LIBRAS and to highlight the possible contributions of nurses to the care of the deaf. We used a literature review study that was developed in two stages. The first stage consists of bibliographic research, through consultation of indexed works published in the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Virtual Health Library (VHL), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), WHO Information System (World Health Organization) and Collection of the Júlio Bordignon Library of the Faculty of Education and Environment (FAEMA) and Network of Scientific Journals of Latin America, Caribbean, Spain and Portugal (REDALYC), and DeCS- Science and Health Descriptors: Communication, Nursing, Deafness, Sign Language. The second stage consisted of reading and organizing the materials selected for the preparation of this work, comprising 52 references. It is perceived in the study the unpreparedness of nurses to attend the deaf subjects, making the assistance impaired and absent the essential diagnoses and care of the patients. After the assumptions presented, it is evident that communication is the main instrument for good assistance, highlighting the importance of the professional nurse in obtaining knowledge of Libras.

Keywords: Communication. Nursing. Inclusion. Sign Language. Deafness

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Juan Pablo Bonnet (1579-1633).....	2322
Figura 2. Alfabeto de Pablo Bonnet (1600 a 1650)..	23
Figura 3. Charles Michel L'Epée (1712-1789)..	24
Figura 4. E. Huet. (1822-1857).....	25
Figura 5. Alfabeto de Libras (2014).....	30

LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MS	Ministério da Saúde
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
SAE	Sistematização da Assistência de Enfermagem
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO	15
2.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS	15
3. METODOLOGIA	16
4. REVISÃO DE LITERATURA	17
4.1 CONTEXTUALIZAR A CULTURA SURDA	17
4.1.1 Aspectos conceituais da cultura surda	20
4.1.2 Destaques da Historicidade da cultura surda	21
4.1.3. Direitos Humanos e Inclusão Social dos surdos	26
4.2 ABORDAR PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM LIBRAS	28
4.2.1 Projeto Pedagógico do Curso-PPC	28
4.2.2 Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS	29
4.3 EXPLANAR SOBRE A DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO ENTRE O PACIENTE SURDO E O ENFERMEIRO.....	30
4.3.1 A importância da capacitação de LIBRAS do profissional de saúde.	33
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Um marco na história da comunidade surda do Brasil foi a aprovação da Lei 10.436 em 2002, onde foi reconhecida a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como sendo o oficial meio de comunicação e expressão, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico visual-motora de transmissão de ideias e fatos.

Mesmo com a legalização da Língua a comunidade surda ainda não consegue ser totalmente incluído na sociedade, impactando na assistência em saúde, visto que, a uma limitação de se comunicar. É comum o surdo não optar em procurar um serviço de saúde, inexistindo a relação profissional e paciente, devido a inadequação dos profissionais, sem preparo acadêmico, onde o atendimento não ocorre de forma satisfatória, negligenciando o cuidado, diagnóstico e tratamento. (ARAUJO, et. al., 2015).

O modo de comunicação da pessoa surda que usa no próprio meio não apresenta um recurso de facilitação na sua interação com a sociedade, estabelecendo um obstáculo que precisa ultrapassar para que possa alcançar a sociabilidade de forma efetiva. Um instrumento essencial para o desenvolvimento da humanidade se tornando uma ferramenta de intervenção na área de saúde. (OLIVEIRA, et. al., 2015).

O problema desta comunicação prejudicada gera circunstâncias infelizes no atendimento ao paciente, pois a comunicação é o meio necessário para que o receptor possa entender e compreender qual é o objetivo visado. Portanto se o enfermeiro ou locutor não utilizar uma abordagem adequada à comunicação não será eficiente, trazendo transtornos consequentemente no atendimento no qual o paciente busca. Assim, para obter um relacionamento efetivo entre as pessoas, o processo comunicativo é importante pois influencia no comportamento, sendo um instrumento de apoio que traz o conforto despertando a confiança e autoestima do paciente. (SANTOS, 2015).

Esta pesquisa tem como finalidade explicar sobre a dificuldade de comunicação entre o paciente surdo e o enfermeiro na assistência de saúde e contextualizar a cultura surda; abordar perspectivas na formação acadêmica em

LIBRAS e destacar as possíveis contribuições do enfermeiro frente ao atendimento ao surdo.

Um dos principais motivos para a escolha deste tema foram aspectos pessoais da pesquisadora, sua mãe pedagoga que mesmo com dificuldades nas mãos nunca deixou de buscar conhecimento para se comunicar com os surdos, e a outra influência seu tio, que a pesquisadora nunca conseguiu se comunicar por completo, deixando com um sentimento de frustração por ser incapaz de não se esforçar o suficiente.

O interesse por este assunto foi intensificando à medida que se realizava os estágios nas Unidades de Saúde e observava-se que em nenhum dia houve atendimento a algum paciente surdo, evidenciando a falta de profissionais de saúde inseridos no contexto a saúde dos surdos.

A metodologia utilizada neste estudo, foi revisão de literatura subdividida em duas etapas a pesquisa bibliográfica e leitura juntamente com a organização dos materiais selecionados para este estudo.

Os profissionais de saúde no processo de acolhimento e atendimento à população necessitam estar qualificados, para prover a inclusão, com todas as suas particularidades, complexidade, integralidade e integração sociocultural ao paciente surdo. Nesta perspectiva, os cursos de graduação na área de saúde devem integrar na sua grade curricular, o ensino da língua de sinais, com o objetivo à capacitação dos profissionais de saúde, tendo em vista a excelência e qualidade do atendimento e a inclusão. (FRANCISQUETI, et. al, 2017).

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO

Destacar as possíveis contribuições do Enfermeiro frente ao atendimento ao surdo.

2.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

- Contextualizar a cultura surda;
- Abordar perspectivas na formação acadêmica em LIBRAS;
- Explanar sobre a dificuldade de comunicação entre o paciente surdo e o enfermeiro.

3. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão de literatura que foi desenvolvido em duas etapas. A primeira etapa consistiu na pesquisa bibliográfica, por meio de consulta de trabalhos indexados e publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Sistema de Informações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Acervo da Biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA) e Rede de Revistas Científicas Da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal (REDALYC). Para a localização dos artigos foram utilizados os seguintes DeCS - Descritores em Ciência da Saúde: Comunicação, Enfermagem, Surdez, Linguagem de Sinais. O levantamento das fontes de publicações foi realizado entre os meses de Setembro de 2019 a agosto de 2020, sendo utilizados os seguintes critérios de inclusão para revisão de literatura: Os artigos, monografias, dissertações e teses disponíveis na íntegra, publicados e escritos em língua nacional (português) e internacionais (inglês e espanhol) no período de 2002 a 2020 coerentes com o tema da pesquisa, o longo delineamento foi devido à dificuldade em encontrar publicações referentes o tema contribuições de enfermagem na assistência de saúde ao surdo. Foram excluídos os materiais que não abordavam a temática proposta ou que não atendiam aos critérios de inclusão descritos anteriormente. A segunda etapa consistiu na leitura e organização dos materiais selecionados para elaboração deste trabalho compreendendo 52 referências.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CONTEXTUALIZAR A CULTURA SURDA

O conceito cultura se deu pós evolução semântica da palavra cultura, que ocorreu no século XVIII, na língua francesa. (GODOY; SANTOS, 2014). O termo cultura é toda ação social que ocorre em constante locais e tempos, tudo ao nosso redor, que faz parte da vida, pode ser considerado cultura. Considera que toda ação é social e cultural pois expressa um significado, desta forma engloba todas as manifestações do homem na sociedade, que ocorrem de modo coletivo, instituindo uma relação constante trazendo a organização e estrutura da sociedade plural. (NICHOLS, 2016).

A cultura está associada a educação, estudo, formação escolar, algumas vezes é utilizada para se referir as manifestações artísticas, como teatro, música, a escultura, pintura, outras vezes usada no passado, é identificada como comunicação em massa, como televisão, rádio, e o cinema, ou então ela se diz a respeito de cerimônias, festas, lendas e crenças de um povo, sendo dês da sua comida, modo de vestir, até o seu idioma , sendo bem amplo.(BANDEIRA, 2018).

O significado de uma cultura pode se haver várias definições, entre elas, os espaços e situações sociais, que possibilitam a comunicação entre as pessoas. Este processo estabelece a construção de valores, normas, expectativas de comportamento, como formas de organização e estruturação social. É com essa maneira que os seres humanos criam conceitos sobre as natureza, sobre a sociedade e a si mesmo, com esse modo eles estabelecem, através da convivência aspectos morais, estéticos e valorativos, que se moldam num estilo de vida e visão de mundo próprio. (PAULA, 2009).

Um dos mecanismos da cultura surda é a experiência visual, com a sua perda de audição o indivíduo substitui a audição pelo os olhos, fazendo que o ele obtém informações visuais, sendo assim o sujeito surdo tem uma forma diferente dos outros de perceber o mundo.

Bataglin (2012,p.06) cita a importância da acessibilidade à informação visual para a construção da subjetividade dos indivíduos surdos:

A experiência visual significa recorrer à visão como meio de comunicação. A partir desta experiência visual aparece a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo específico de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (BATAGLIN, 2012,p.06).

Segundo Boldo (2015), a experiência visual constrói a cultura surda que possui a língua de sinais é um dos principais marcadores culturais expressivos do povo surdo. As identidades surdas são baseadas através de representações possíveis como contar piadas, histórias, festas, teatros, se tornando um fator de grande importância, mantendo a cultura e a línguas de sinais viva.

O elemento visual caracteriza-se como um dos principais favoráveis para o desenvolvimento de aprendizado do surdo, se tornando estratégias metodológicas necessárias para os recursos visuais como um facilitador do pensamento, da linguagem gestual, da criatividade, e da oral e escrita, possibilitando uma evolução. Com os processos visuais, o surdo pode estruturar a comunicação, língua e imagem, tratando a forma de um ato de invenção de pensar como resultado específico do que foi elaborado. (PINTO; GOMES; NICOT, 2012).

Portanto a cultura surda é o modo do sujeito surdo entender o mundo, modificando para torná-lo habitável e acessível, harmonizando com as suas percepções visuais, que auxilia para a definição das identidades surdas, que abrange a língua, as crenças, os costumes, as ideias e os hábitos do povo surdo. (PERLIN; STROBEL, 2014).

Os padrões de comportamentos compartilhados entre os surdos, realizam trocas de experiências em ambientes como escola, encontro informais e associações de surdos. Originando uma identificação de pertencer a um povo distinto, que compartilha língua de sinais, hábitos, valores culturais e o modo de socialização. (PERLIN; STROBEL,2014).

Segundo Bandeira, (2018, p.18) presume-se que a identidade cultural seja iniciada no nascimento, seja parte da natureza, ou através do parentesco ou linguagem dos genes, sendo constituída do nosso interior

A identidade surda é construída conforme as representações possíveis da cultura surda, se moldando de acordo com a menor ou maior recepção

cultural assumida pelo surdo, através desta receptividade, surge a consciência do que o sujeito representa a si mesmo, surgindo a luta de aceitação da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes e de ser menos válido a sociedade. (PERLIN; STROBEL,2014).

A cultura surda se mantém diferentes ramos, não apenas no aspecto de língua de sinais, mas também na história cultural dos seus heróis, nas lutas, desenrolando a construção de ideais política para a educação bilingue, onde se discute pelo crescimento das escolas próprias para surdos, na profissionalização de intérpretes, na organização de um espaço específico nas universidades, dando ênfase em desenvolver a língua de sinais. (BOLDO, 2015).

Alba, (2013, p. 34) enfatiza que os surdos Brasileiros são membros de uma cultura surda, significando que a pessoas surdas do mundo não compartilham a mesma cultura, pelos simples fatos de não ouvirem. Esses grupos usam diferentes línguas de sinais, pois possuem situações diferentes de vida, porém independentemente do local, os fatores que os identificam é a experiência visual.

Para Strobel, (2008, p.35), o povo surdo rejeita a terminologia “Deficiente Auditivo”, pois define que o surdo em ausência de ouvir e não que tenha a presença de uma cultura linguística diferente, não respeitando a sua cultura e a língua de sinais, pois a falta de audição implica um impacto para a comunidade ouvinte, que define o estereótipo aos surdos de deficientes, pois a comunicação através da fala e audição desempenham o papel de destaque de vida normal da sociedade.

Segundo Strobel:

Na área da saúde, o termo ‘deficiente’ é classificado como a perda sensorial e grau de surdez. Já na comunidade surda os sujeitos usam o termo ‘surdo’, pois acreditam que esta denominação engloba uma diferença cultural. (STROBEL, 2008, p.35).

Conforme o pensamento de Vasconcelos (2018), caso a surdez fosse compreendida socialmente de outra forma, os indivíduos surdos poderiam ocupar um lugar na sociedade, que não ficasse nas marginais a ela. Busca-se aos sujeitos surdos sendo eles crianças, adolescentes, ou adultos fazê-los ouvir e falar, mais do que desenvolver eles como sujeitos, tornando suas habilidades menos importantes para falar e ouvir. A criação de forma de trabalho do próprio

surdo ocorre poucas vezes, o que se vê, é uma adaptação, espera que os surdos aprendam com os mesmos métodos voltados para os ouvintes.

4.1.1 Aspectos conceituais da cultura surda

A comunidade Surda é caracterizada em um grupo que mora em localização particular, e compartilha metas comuns entre seus membros no seu ambiente, havendo também ouvintes e surdos que não são culturalmente surdos. Já a definição da cultura da pessoa surda é oclusiva, os membros da comunidade utilizam a língua de Libras para se envolver com suas crenças entre si e com outras pessoas que não são Surdas. (AMARA, 2007, p.45).

A audição é formada por sistema de canais que levam o som até o ouvido interno, que produzem ondas que são transformadas em estímulos elétricos que são enviados diretamente ao cérebro, onde ocorre a identificação e reconhecimento dos variados sons que ouvimos. O conceito de surdez é dado à dificuldade ou a impossibilidade de ouvir sendo definidos em cinco tipos. (BRASIL, 2017).

Segundo o Ministério da Saúde, a surdez ligeira é a palavra ouvida, com elementos fonéticos que escapam ao indivíduo que na aquisição da linguagem não provoca atrasos, porém identifica dificuldades em ouvir uma conversa normal. (BRASIL, 2017)

Na média a palavra é apenas ouvida com uma intensidade muito forte, com dificuldades na aquisição da linguagem sendo necessária a leitura labial para o entendimento do que é dito. A surdez severa o tom normalmente não é percebido, para ter uma sensação auditiva o indivíduo próximo deve gritar. Na profunda não há sensação, com dificuldades intensas na adesão a linguagem oral, porém adquire facilmente a Língua Gestual. Por último a ausência total do som com surdez completa. (BRASIL, 2017).

As causas são variantes, podendo ser congênita, ocasionada por rubéola gestacional, medicamentos durante a gestação, complicações no parto como a anóxia que é uma insuficiência de oxigênio durante o fornecimento fetal,

ou ser adquirida como o mal-uso de antibióticos, viroses, otites de repetição a infância. (MONTEIRO et. al., 2016).

Segundo a legislação, o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, a pessoa surda é considerada aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais-Libras, no parágrafo único do decreto N° 5.626 define que:

“Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”.

4.1.2 Destaques da Historicidade da cultura surda

Há história cultural dos surdos estão presentes desde a antiguidade, para os romanos, os surdos não possuíam direitos e não podiam se casar, na Grécia não eram considerados humanos, e na sociedade bélica as crianças surdas eram executadas através de asfixia, lançada de um precipício ou tinha sua garganta degolada por não ser apto para fazer parte da nação. (LOPES, 2018).

Na Pérsia e no Egito, eles consideravam os surdos como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, expressando um forte sentimento de respeito, protegiam e tributavam adoração, pois acreditavam que eles podiam se comunicar em segredos com os deuses. (STROBEL,2009).

Na antiguidade, os sujeitos surdos eram estereotipados como “anormais”, com atraso de inteligência, devida à falta de pesquisas científicas principalmente na área educacional. Na sociedade, “o normal” era considerado aquele que é preciso falar e ouvir para ser aceito, logo os sujeitos surdos eram excluídos da vida educacional e social, não havia escolas e existiam leis que não acreditavam no potencial e capacidade dos surdos. (STROBEL, 2008).

Na idade média as famílias nobres que tinham herdeiros surdos, começaram a pesquisar para tentar compreendê-los e integrá-los na sociedade, com o propósito de não perder as riquezas. (TOMOE, et.al, 2012).

Na idade contemporânea houve um conflito na forma qualificada de educação aos surdos, o oralismo e o gestualismo (sinais). O método oralista se baseava na ideia que se proporcionasse estímulo, os surdos poderiam obter a linguagem oral, já no gestualismo os surdos deveriam se basear na sua linguagem própria. (SILVA; NOLASCO; FREIRE, 2017).

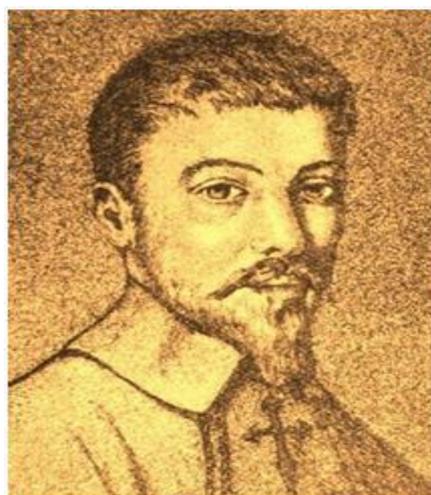
A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida pela lei 10.436 em 2002, como meio oficial de comunicação e expressão da comunidade surda, ainda no artigo 1º diz que a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Através dessa grande conquista onde a comunidade surda passa a ter uma língua própria onde desenvolve sentimentos e compartilha sua vida aos demais, diminuindo a exclusão total que lhe é fornecido socialmente.

No entanto, antes que a língua de sinais brasileira fosse instituída e ter seu reconhecimento legal, ela passou por inúmeros processos que está correlacionado diretamente à história da educação dos surdos.

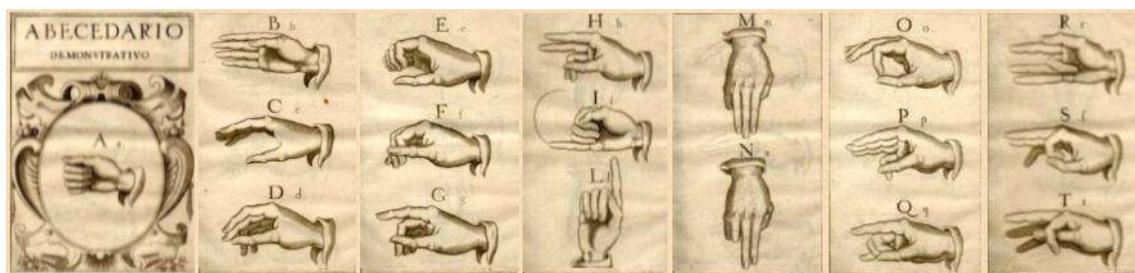
Na Idade Média, na Espanha, Juan Pablo Bonnet (Figura 1) foi responsável por desenvolver um método que era composto pela formação de palavras através de gestos e do alfabeto manual (Figura 2). (PEIXOTO, 2015).

Figura 1. Juan Pablo Bonnet (1579-1633)



. Fonte: <<http://www.ampid.org.br/v1/a-pessoa-com-deficiencia-e-sua-relacao-com-a-historia-da-humanidade/>>.

Figura 2. Alfabeto de Pablo Bonnet (1600 a 1650).



Fonte: < <http://www.ampid.org.br/v1/a-pessoa-com-deficiencia-e-sua-relacao-com-a-historia-da-humanidade/>>.

Abade L'Épée, morava na França onde conheceu duas gêmeas surdas de nascença, cuja a comunicação entre as mesmas acontecia através de gestos, ele acolheu as meninas na igreja, para evitar a fim que fossem mortas. Com isso ele iniciou contatos com os surdos e carentes e humildes que andavam pela cidade de Paris, com o objetivo de aprender a sua comunicação e desenvolver suas primeiras pesquisas sobre a língua de sinais, iniciando não só apenas contato com as irmãs surdas, como também com outros surdos carentes, acolhendo para a sua casa onde transmitiam ensinamentos através das línguas de sinais, juntamente com a gramática francesa sinalizada, sendo denominada "Sinais metódicos". (PEIXOTO, 2015).

Conforme Peixoto (2015), L'Épée foi o autor do primeiro dicionário em Língua de Sinais, onde defendia que a linguagem natural dos surdos era a língua de sinais e que é o verdadeiro meio de comunicação e desenvolvimento do pensamento.

Após as irmãs gêmeas surdas crescerem, verificou-se o seu aprendizado, juntamente com ou outros surdos, foi comprovado para a sociedade francesa que as pessoas surdas eram capazes de desenvolver um raciocínio e de aprender, fazendo com que L'Épée (Figura 3) crie a sua escola para Surdos da França, sendo difundido o modelo por toda a Europa, se tornando referência na educação e surdos, priorizando que a língua de Sinais é essencial para o desenvolvimento social e cognitivo das pessoas com surdez. (PEIXOTO,2015).

Figura 3. Charles Michel L'Epée (1712-1789).



Fonte: < <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n4/0104-5970-hcsm-20-04-01713.pdf> >.

A primeira sistematização do uso da língua de sinais na educação no Brasil, iniciou com a chegada de E. Huet (Figura 4), professor surdo francês, que traz a língua de sinais francesa e ajusta com o ensino de surdos brasileiros. Em seguida a partir da escola particular do professor se dá a criação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), tornando-se referência na educação de surdos. (SANTOS, 2018).

Figura 4. E. Huet. (1822-1857).



Fonte: < <https://cultura-sorda.org/mexico-atlas-sordo/> >.

O instituto buscava a compreensão entre o uso de sinais com a produção da língua portuguesa escrita, e tinha como suas metas ensinar aos alunos de

ambos sexos uma linguagem que os libertassem do isolamento social, preparando para obter sua autonomia e sobrevivência.

As atividades de oralização e leitura somente eram ofertadas aos que eram diferenciados da etiologia da surdez, dos resquícios auditivos e das condições intelectuais, aptidões e desejo para o ensinamento. (MANDELBLATT, 2014).

A pedido de nobres que possuíam filhos com surdos, o monge Benedito espanhol Ponce de León, dedicou-se a ensiná-los a escrever, ler e falar as doutrinas da fé, a fala era muito significativa nesse período, pois havia o seu reconhecimento como cidadão com possibilidade de herdar os bens da família. O poder e interesse da nobreza que seus primogênitos tivessem acesso aos direitos de herança foi a razão que desencadeou o reconhecimento de ser apto à educação impulsionando o método oralismo. (MURTA; FELOMENO; FERNANDES, 2015).

Em 1880 foi promovido o Congresso Internacional de Surdo-Mudez de Milão, onde com a presença de apenas ouvintes, foi realizada votação, sendo declarado que a educação dos surdos deveria ser somente no método oralista, proibindo totalmente a linguagem gestual. (FERNANDES, et.al., 2017).

Na época o INES, correspondeu seguindo a tendência mundial que estabeleceu o método oralismo, levando em consideração que a língua oral seria a forma preferida de comunicação do surdo e que se houvesse dedicação ao ensino desta Língua as crianças surdas, elas deveriam rejeitar toda forma de gesticulação, como as línguas de sinais. Mesmo com a proibição do uso dos sinais ao passar dos anos, os surdos prosseguiram se comunicando em segredo, para não ocorrer o risco de extinção. (ALMEIDA, 2017).

O método puro oralismo decretado pelo Congresso de Milão era um empecilho para a educação entre os surdos, até o momento a educação estava restrita, não havia integração entre os estudantes surdos e ouvintes. Entre os anos de 1960 e 1970 instaurou-se a Educação Integradora, onde os estudantes deficientes tinham o direito de serem incluídos, foi após a Declaração de Salamanca, na década de 1990, que se estabeleceu a proposta para a educação inclusiva, que todos pudessem ser educados no mesmo espaço. (MURTA; FELOMENO; FERNANDES, 2015).

Qualquer pessoa que seja de deficiência tem o direito de expressar seus desejos à sua educação, que os mesmos possam ser realizados. Os pais possuem o total direito inerente de serem consultados sobre o método de educação mais apropriada às necessidades, circunstância e aspirações de suas crianças. (UNESCO,1998).

4.1.3. Direitos Humanos e Inclusão Social dos surdos

O histórico do processo da construção dos Direitos Humanos perpassa as revoluções burguesas, esses processos fundam a construção dos direitos políticos e civis, carregados pelas ideias liberais, nascidas do desejo da burguesia de tomar para si privilégios antes ao clero e à aristocracia. (GALVÃO; CAMILO, 2017).

Em 1948 a Declaração dos Direitos Humanos foi resultado de forças de uma correlação mundial, pois sem a pressão dos países do bloco soviético e a ascensão operária, em quase todo o mundo, seria inimaginável a inclusão dos direitos, sociais, econômicos e culturais.

Os direitos humanos reconhecem que cada ser humano pode desfrutar seus direitos sem distinção de cor, raça, língua, sexo, religião, opinião política, origem nacional ou social, ou de condição de nascimento ou riqueza, são garantidos legalmente, protegendo indivíduos e grupos contra ações interferem na dignidade humana e liberdades fundamentais. A legislação de direitos humanos, estão expressos em tratados, no âmbito no direito internacional, com conjuntos de princípios e modalidades, ela obriga os Estados a agir de uma maneira e proíbe de se envolverem em atividades específicas, que tem como objetivo servir para proteger os direitos contra ações ou abandono dos governos que interferem em desfrutar os seus direitos humanos. Ressaltando que os direitos humanos são de cada pessoa simplesmente por ser um humano. (ONU, 1945).

A inclusão é uma modificação da sociedade para que todos, possam aproveitar uma vida sem exclusões e com qualidade, independente da distinção de grupo, cor, raça, nacionalidade, credo, condição econômica ou social. E

quanto for a maior convivência, sem discriminações, maior será a inclusão. (BRASIL, 2006).

Segundo Araújo (2012), o termo inclusão é um processo que busca compartilhar com vários seguimentos da sociedade com inúmeros serviços como educação, saúde, trabalho e outros benefícios culturais e sociais. Muito divulgado nos dias atuais e é algo mais antigo quanto a civilização, pois se dá início com a vida, e se tornar par alguns, diretamente ligado a educação.

A compreensão do processo de inclusão social exige o conhecimento da história sobre a forma de como foram tratadas as pessoas com deficiências, sendo explicada em quatro momentos: exclusão, segregação, integração e inclusão. Entre o final do século XIX até a década de 1940, foi vivenciado pela a sociedade a política da exclusão e segregação, na exclusão os deficientes eram considerados como inúteis, inválidos, até eram realizado o extermínio, em algumas culturas. No século XX se instaurou a fase da segregação, criaram grandes instituições no intuito de abriga-los, em internatos, como um processo da humanidade, visando o bem estar do sujeito com deficiência. Nas décadas de 1950 e 1980 ocorreu o movimento de integração, induzindo as pessoas com deficiências a realizar o seu máximo esforço para reverter o quadro da política de segregação, para conseguir sua adaptação ao meio social. A fase de inclusão ocorreu na década de 1980, onde surge a concepção de que a sociedade e a família devem adaptar-se às necessidades de todas as pessoas, definindo a imagem da pessoa com deficiência de alguém que tem capacidade de desenvolver e exercer a sua cidadania, com liberdade e autonomia, em uma sociedade na qual tem direitos e deveres. (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005).

Atualmente, inclusão é uma palavra utilizada no âmbito escolar, mais nem sempre foi assim, até um tempo atrás, era somente a existência de escolas especiais, destinada aos deficientes. Com o entendimento que o frequentar escolas especiais não significava inclusão, ao contrário, reforçava a exclusão, foi comprovado que quando a criança deficiente frequenta uma escola regular ela evolui. Com isso, várias questões sobre surdez começaram a ser consideradas, a primeira é que a deficiência auditiva não pode ser de forma individual, se conhece que a debilidade na fala e a relação surdez, não é apenas a fala que sofre interferência, mais também o processo de leitura e escrita, já que são

relacionadas com a fala e audição, fazendo que crianças surdas fiquem atrasadas em seu desenvolvimento intelectual. (ESPOTE; SERRALHA; COMIN, 2013).

A inclusão educacional de crianças surdas, representa uma garantia de direito previsto pelas constituições de países e as legislações que tratam as diferenças das minorias linguísticas, infelizmente a criança surda brasileira, na maioria das vezes, nasce em uma família ouvinte e não sabe LIBRAS quando chega à escola, podendo não se beneficiar com a presença do intérprete na sala de aula.(LAMOGLIA, 2015).

4.2 ABORDAR PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM LIBRAS

4.2.1 Projeto Pedagógico do Curso-PPC

O Projeto Pedagógico de Curso é um documento de identidade do curso, que define os princípios pedagógicos, políticos, fisiológicos, técnicos e administrativos que guiam a formação cidadã/humana e profissional dos egressos do curso. Ele se constitui com o Regimento, Estatuto, Projeto Pedagógico Institucional (PPI), Projeto Político Pedagógico (PPP), Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da universidade, Regimento do Respectivo Centro de Ensino e o Conjunto de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), relativo a cada curso. (UFES,2016).

De acordo com a RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001, Art. 9º O Curso de Graduação em Enfermagem deve ter um projeto pedagógico, construído em grupo, com objetivo no aluno como sujeito de aprendizagem e no docente como mediador e facilitador do processo ensino aprendizagem. Neste projeto pedagógico será feita a formação adequada e integral do estudante através de uma junção entre a pesquisa, o ensino e a assistência/extensão.

Segundo o PARECER CNE/CES 1133/2001, Art. 8º, o projeto pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem terá de concluir atividade complementares e as instituições de Ensino Superior ter obrigação de criar

mecanismos para aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas independentes presenciais ou a distância, a saber: programas de iniciação científica, monitorias e estágios, programas de extensão, estudos complementares e cursos realizados em outras áreas.

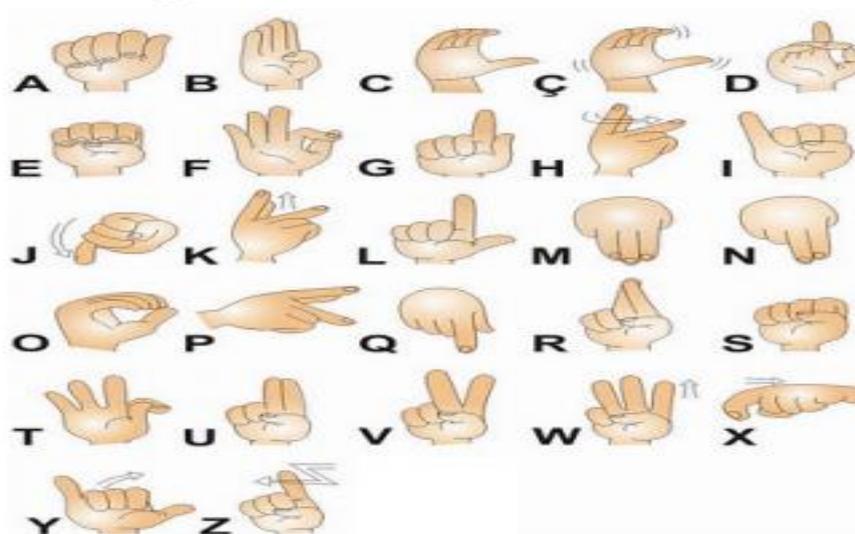
4.2.2 Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS

A partir da década de 1960, pode ser acompanhado o reconhecimento e a adoção da língua de sinais, que foi debatido a ser denominado como bilíngue, preservando a identidade e a cultura da comunidade surda. Com essa perspectiva o surdo deve ser bilíngue, adquirindo a língua materna como a língua de sinais e segunda língua a oficial do país, concebendo a língua de sinais como a língua original e natural dos surdos. (GUARINELLO, et. al, 2013).

De acordo com Souza, 2017, a libras é uma língua autônoma, viva, capaz de transmitir todo e qualquer conceito do mais abstratos até os mais complexos. Os usuários, podem discutir sobre qualquer assunto, desde política, física, economia, literatura, histórias de humor. Sendo considerado como língua natural, pois surge de forma espontânea no meio da comunidade surda, devido a necessidade de se comunicarem uns com os outros.

Na figura 5 é observado o alfabeto manual utilizado no Brasil, composto por 27 formas, incluindo a letra “Ç”, este alfabeto representa as letras escritas na língua portuguesa. (SANTO; SILVA, 2014).

Figura 5. Alfabeto de Libras



Fonte: <

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_edespecial_artigo_wladia_felix_espirito_santo.pdf>.

4.3 EXPLANAR SOBRE A DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO ENTRE O PACIENTE SURDO E O ENFERMEIRO

Na vida dos seres humanos a comunicação é uma principal ferramenta que se torna fundamental para a convivência social. Além disso, é uma ferramenta essencial na assistência em saúde pois proporciona a relação entre paciente e equipe.

Para obter uma assistência efetiva à saúde, atribui ao profissional habilidade técnica, com capacidade para desenvolver comunicações, priorizando a transmissão de informações e mensagens de maneira clara e eficiente, com objetivo de qualificar o cuidado integrado. Nesta razão, os profissionais de saúde enfrentam dificuldades ao ter contato com paciente que tem algum tipo de limitação de linguagem, destacando as pessoas surdas. (FRANCISQUETI, 2017).

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no estado de Rondônia apresenta 66.350 pessoas com algum tipo de deficiência auditiva, divididos em não consegue de modo algum: 1.754 pessoas, grande dificuldade: 11.763 e alguma dificuldade: 52.833 pessoas. (IBGE, 2010).

A lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. No Art. 2º diz que a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício.

No entanto a lei que ampara a todos da rede SUS, demonstra desigualdades na promoção de serviços e acessibilidade à saúde apresentando uma invisibilidade da população e desigualdades sociais com a inclusão da comunidade surda que não consegue atendimento igualitário no sistema de saúde público sendo excluídos da sociedade e dos serviços, geralmente os pacientes buscam o atendimento com menos frequência como a população de ouvintes, evidenciando a frustração, o medo e desconfiança como as principais dificuldades encontradas por eles. (FERNANDA, et. al., 2017).

As estratégias de comunicação utilizadas em situação que envolve conversação é uma extrema ferramenta importante de assistência ao sujeito surdo, pois os profissionais de saúde necessitam orientar os pacientes Surdos ao seu diagnóstico e tratamento, que pode haver má compreensão de ambas as partes. (FORTES, 2012).

Há uma necessidade de relacionar e comunicar, na assistência de saúde, de modo responsável e cuidadoso, procurando entender, traduzir, compreender e ter a percepção da mensagem que o paciente transmite, para identificar as suas necessidades. (SANCHES, et. al., 2019).

No serviço de saúde há inúmeras barreiras encontradas pelos surdos, destacando as dificuldades comunicativas entre as pessoas surdas que buscam atendimento entre os profissionais de saúde ouvintes. Nobrega, Munguba E Pontes (2017), cita através do depoimento de um paciente surdo que ainda existe uma barreira:

“Às vezes eu sentia uma dor, algum problema, ou estava vomitando, aí eu resolvia ir ao médico, eu explicava que estava evacuando demais, e ele queria me mandar tomar soro. Ficava três horas lá tomando soro e o médico nem atendia direito. Eu ia para casa e continuava de novo com dor de barriga, passando mal. Novamente fui ao médico e a mesma coisa, só dava o soro, voltava para casa. O médico não entendia que eu estava evacuando, que eu estava com dor de barriga e que estava doente, era muito difícil a comunicação, precisava de um intérprete. Minha mãe foi e explicou, pronto, aí me deram o remédio, tomei e sarei, mas sozinho era só na base do soro”

Trecossi e Ortigara (2013), afirmar que o paciente surdo, se frustra ao se deparar com um atendimento, quando não é compreendido, enfatizando que a falta de informação e comunicação interferem no cuidado prestado aos usuários, havendo comprometimento e falha no entendimento mútuo e no atendimento humanizado e incluso.

O profissional poderá compreender o que o paciente sente, auxiliar a reconhecer e enfrentar o processo de saúde e de adoecimento, somente através da comunicação efetiva, muitas vezes ao término da consulta, alguns pacientes não identificam ou compreendem o seu problema, tampouco os motivos que foram indicados a usar devida medicação administrada. (NOBREGA; MUNGUBA; PONTES, 2017).

O indivíduo surdo ao buscar o atendimento na unidade de saúde, obtém um bloqueio, principalmente a comunicação entre a equipe, pois a mesa não possui capacitação para interpretar a Língua Brasileira de Sinais, e dessa forma não irá receber a integração por meio da equipe profissional, havendo uma carência na assistência integral e individualizada. (SANCHES, et. al., 2019).

A capacitação sobre surdez dos profissionais na área de saúde busca colaborar na formação dos profissionais e torna-los capazes de atender todas as necessidades básicas. Com isso a enfermagem se torna uns dos mais importantes para realizar uma capacitação identificando os sinais e sintomas, doenças, anamnese e proporcionando o cuidado adequado para o que o paciente apresenta. (ARAGÃO, 2015).

Na consulta de enfermagem é utilizada para a identificação dos problemas de grande potencial dos usuários, a fim de promover um plano de cuidados que saneia as necessidades do cliente, realizando as intervenções, cabendo ao enfermeiro. (ARAUJO, et. al., 2015).

Segundo Santos (2015, p.25), os profissionais de saúde não se sentem capacitados para atender tais pacientes devido as suas necessidades, o profissional de saúde da pesquisa, relata a sua insatisfação durante a consulta: “é muito complicado, uma vez atendi uma gestante acompanhada de uma criança que fazia o papel de intérprete, não tive como fazer uma investigação adequada por se tratar de uma criança intermediando a conversa”. Observa-se

o quão é prejudicado as consultas, não sendo realizada de forma completa, deixando falhas na investigação, diagnóstico e tratamento.

Ainda que tenha a mediação no atendimento ao surdo como amigos, familiares ou um intérprete profissional entende que não é uma interação eficaz, dificultando em manter a privacidade do paciente, por esse motivo a Libras se torna o recurso de comunicação que precisa ser valorizado e conhecido na prática das ações em saúde. (ARAUJO, et. al., 2015).

O enfermeiro possui uma das ferramentas mais necessárias no atendimento ao paciente, a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), com ela se desenvolve o pensamento crítico na prática e gera a uniformização, individualização, gerenciamento e avaliação do cuidado prestado através da promoção do cuidado humanizado. (RODRIGUES; DAMIÃO, 2014).

A contribuição do enfermeiro se inicia desde do acompanhamento do pré-natal da gestante, onde os estímulos sonoros do feto se desenvolvem na 20ª semana de gestação, através deste momento o cuidado de enfermagem sob a paciente se intensifica. (AZEVEDO, et. al, 2014).

Outra forma de contribuição do enfermeiro é em desenvolver ações durante a consulta de puericultura, inserido o teste da orelhinha para a detecção da perda auditiva possibilitando o diagnóstico precoce antes dos três meses de vida, levando a uma intervenção antes dos seis meses, este exame deve ser realizado no recém-nascido antes da sua alta hospitalar. (AZEVEDO, et. al, 2014).

Compete à equipe de enfermagem desenvolver de práticas assistências, técnicas, habilidades, instrumentos, competência e capacidade para oferecer as melhores condições de comunicação aos pacientes. Cabe aos profissionais da área da saúde a busca de capacitação para prestar atendimento com promoção de uma assistência humanizada focando no contexto de uma sociedade mais inclusiva. (BRITTO; SAMPERIZ,2009).

4.3.1 A importância da capacitação de LIBRAS do profissional de saúde.

Nas unidades de saúde do Brasil, se encontra um desafio de atender o paciente surdo, principalmente pela maior barreira que é a comunicação, isso se dá à falta de capacitação dos profissionais de saúde junto com a falta de conhecimento sobre o que fazer e qual maneira de interagir. (NEVES et. al., 2017).

Alguns obstáculos são enfrentados pelos surdos que além da dificuldade linguística, ocorre à falta de humanização entre a relação profissional e paciente, o processo de inclusão na sociedade e o pouco conhecimento sobre o processo saúde e doença. (NEVES et. al., 2017).

A inclusão é uma modificação da sociedade para que todos, possam aproveitar uma vida sem exclusões e com qualidade, independente da distinção de grupo, cor, raça, nacionalidade, credo, condição econômica ou social. E quanto for a maior convivência, sem discriminações, maior será a inclusão. (BRASIL, 2006).

No decreto Nº 5.626, DE 22 de dezembro de 2005, Art. 3º regulamenta: A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Ressaltando que apenas se torna obrigatoriedade a inserção de Libras como disciplina curricular em cursos de formação de professores e fonoaudióloga, estabelecendo um contato somente com esses profissionais, ocasionado uma exclusão do indivíduo na sociedade.

Como o profissional de saúde irá atender diagnosticar um paciente surdo sem ter o domínio de Libras? Ainda no decreto citado acima Nº5.626, 2005, no segundo parágrafo diz: “A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto”.

Evidenciando ser optativo para os demais cursos, incluindo a áreas de humanas, a inclusão na grade curricular no ensino superior, resolveria em tese este problema, constituindo a dedicação total do profissional para o aprendizado,

necessitando uma implementação maior na grade horária das universidades. (FERREIRA, et. al., 2017).

Embora os profissionais da saúde, na sua grande maioria, não conhecem Libras, o atendimento ao surdo é realizado através de gestos, mimica, desenhos e escrita, contornando a comunicação para que sejam atendidos. (MARQUETE, et. al., 2018).

Entretanto percebe-se que a temática de inclusão social de pessoas com surdez esteja sendo ressaltada, porém a falta de preparo e conscientização dos profissionais e incentivos por parte das autoridades deixa de estabelecer capacitações para a preparação de atendimento satisfatório a essa população tornando a assistência da equipe de enfermagem fragmentada e não humanizada, contrariando os conceitos do Sistema Único de Saúde - SUS. (DANTAS, et. al., 2014).

CONCLUSÃO

Observou-se que a população surda nem sempre foi reconhecida durante a sua história, muitas vezes levados a morte por sua surdez. Durante anos lutam para ser incluídos na sociedade como indivíduo “normal”, com seus direitos e deveres estabelecidos, como educação, saúde e bem estar.

Uma das grandes conquistas da comunidade surda foi a legalização da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS como a segunda língua oficial do Brasil, estabelecendo novas oportunidades de interação e socialização, se tornando obrigatória o ensino de LIBRAS para todos os alunos surdos e aos pedagogos e alguns profissionais na área de saúde.

Esse estudo possibilitou uma maior compreensão da dificuldade do paciente surdo em buscar atendimento em unidade de saúde, tendo em vista a falta de comunicação e entendimento dos profissionais de saúde, prejudicando o acesso ao diagnóstico e tratamento do paciente.

A comunicação se torna um instrumento indispensável no atendimento aos pacientes durante a consulta de enfermagem. Notou-se a que no decorrer do estudo desenvolvido, que está comunicação não é eficiente quando se trata de pacientes surdos. É preciso analisar o quanto está sendo prejudicado o atendimento a esse público, e questionar a importância da LIBRAS no meio da saúde, e o quanto é necessário para estabelecer o ensino para o enfermeiro.

Entende-se que o enfermeiro no seu cotidiano não se encontra totalmente capacitado em realizar um atendimento de qualidade, é nítido os empecilhos que se desenvolve, com isso o enfermeiro acaba adaptando algumas formas para dar continuidade no atendimento.

Percebe-se de como seria importante a implementação do curso de LIBRAS no Projeto Pedagógico de Curso- PCC, como matriz curricular obrigatória no curso de Enfermagem, promovendo a acessibilidade na comunicação prejudicada ao enfermeiro e o paciente surdo, quebrando barreiras para que assim tenha a promoção de saúde a todos.

Enquanto não é instituído legalmente a obrigatoriedade do ensino do curso de LIBRAS, nos cursos de saúde, o enfermeiro como um fator de inclusão e humanização, pode capacitar-se e atualizar-se em LIBRAS e efetivar o modelo

de saúde que garanta a integralidade e acessibilidade para o surdo, instigar a sua equipe e assim mesmo para buscar contribuições efetivas na assistência de saúde ao paciente surdo.

A equipe de enfermagem tem o dever de trazer a população surda para o âmbito de prevenção e promoção da saúde, realizar o acolhimento para que o mesmo não se sinta negligenciado da sociedade.

Este estudo é apenas o primeiro passo para grandes conquistas que a população surda junto com a equipe de saúde possa evoluir cientificamente, devido as intercorrências no ano de 2020, dando ênfase na pandemia do COVID-19, preservando a saúde dos entrevistados e entrevistando conforme recomendações da Organização Mundial de Saúde- OMS, o projeto teve que ser adaptado para pesquisa bibliográfica, porém eu como pesquisadora me comprometo dar continuidade na pesquisa com o objetivo pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

- ALBA, Carilissa dall'. **Movimentos surdos e Educação: Negociação da Cultura Surda**. Santa Maria-RS. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7063>. Acesso em: 13 de maio de 2020.
- ALMEIDA, Mara Rúbia Pinto de. **Narrativas de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória**. Catalão-GO, 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7063> . Acesso em: 17 de maio de 2020.
- Alves-Souza, Rosani Aparecida; Soares, Edimar Rodrigues; Marena, Rita Cristina Fernandes; Manual de TCC: Formato ABNT. Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA. Comissão de TCC, conforme Portaria nº 029/2019, de março 2019. / por Rosani Aparecida Alves-Souza, Edimar Rodrigues Soares e Rita Cristina Fernandes Marena (revisores). Ariquemes: FAEMA, 2019.
- ARAGAO, Jamilly da Silva et al. Um Estudo de Validade de Conteúdo de Sinais, Sintomas e Doenças / Problemas de Saúde Expresso em LIBRAS. **Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto**, v. 23, n. 6, p. 1014-1023, dezembro de 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692015000601014&lang=pt. Acesso em: 23 de out. de 2019.
- ARAÚJO, Camila C.J. de; Alexsandro S.Coura; Inácia S.X. de França; Andressa K.F. Araújo; Kaio K.A.S. Medeiros. Consulta de Enfermagem às pessoas surdas: uma análise contextual. **ABCS HEALTH SCIENCES. Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde**. v. 40, n. 1 (2015). Disponível em: <https://portalnepas.org.br/abcshs/article/view/702/667>. Acesso em: 25 de ago. de 2019.
- ARAÚJO, Laine Reis. **Inclusão Social do Surdo: Reflexões sobre as Contribuições da Lei 10.436 à Educação, aos Profissionais e à Sociedade Atual**. Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/inclus%C3%A3o-social-do-surdo-reflex%C3%B5es-sobre-contribui%C3%A7%C3%B5es-da-lei-10436-%C3%A1-educa%C3%A7%C3%A3o-aos-profissi>. Acesso em: 01 de jun. de 2020.
- AZEVEDO, Suelen Brito. LEAL, Luciana Pedrosa. LIMA, Maria Luiza Lopes Timóteo. GRIZ, Silvana Maria Sobral. Saúde Auditiva Infantil: Prática dos Enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. **Rev Esc Enferm USP**. 48(5):865-

73, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n5/pt_0080-6234-reeusp-48-05-865.pdf. Acesso em: 11 de ago. de 2020.

BANDEIRA, Adriana Gomes. **Cultura Surda e Transculturalidade: A Questão das Identidades numa Comunidade Acadêmica da Grande Vitória**. Vitória-ES, 2018. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Linguística). Universidade Federal do Espírito Santo. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190819>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

BATAGLIN, Mayara. **Experiência Visual e Arte: Elementos Constituidores de Subjetividades Surdas**. Santa Maria, 2012, p.06 Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/919/757>. Acesso em: 18 de agosto de 2019.

BENEDETTO, Laís dos Santos Di. SANTOS, Danielle Aparecida do Nascimento dos. História das Pessoas Surdas: da Exclusão à Política Educacional Brasileira Atual. **Conteúdo e Didática de LIBRAS**. São Paulo, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf. Acesso em: 07 de abr. de 2020.

BRASIL. Decreto Nº 5.626, De 22 De Dezembro De 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Brasília. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 17 de agosto de 2019.

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 18 de ago. de 2019.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Surdez. Biblioteca Virtual em Saúde. Surdo cidadão. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/dicas-em-saude/2506-surdez>. Acesso em: 17 de ago. de 2019.

BRASIL. Parecer Nº: CNE/CES 1.133/2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição**. Distrito Federal, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem**. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2020.

BRITTO, Fernanda da Rocha. SAMPERIZ, Maria Mercedes Fernandez. Dificuldades de Comunicação e Estratégias Utilizadas pelos Enfermeiros e sua Equipe na Assistência ao Deficiente Auditivo. **Einstein**. 8(1 Pt 1):80-5 São Paulo, 2010. Disponível em: http://apps.einstein.br/revista/arquivos/pdf/1339-Einsteinv8n1_p80-85_port.pdf. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

CHAVEIRO, Neuma. BARBOSA, Maria Alves. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. **Rev Esc Enferm USP**, 39(4):417-22. ISSN: 0080-6234 São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3610/361033283007.pdf>. Acesso em: 02 de jun. de 2020.

DANTAS, Thayana Rose de Araújo. Gomes, Thayris Mariano. Costa, Tatiana Ferreira da. Azevedo, Thalita Rodrigues de. Brito, Silmery da Silva. Costa, Kátia Nêyla de Freitas Macedo. **Comunicação Entre a Equipe de Enfermagem e Pessoas com Deficiência Auditiva**. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v22n2/v22n2a04.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

Descritores em Ciências da Saúde: DeCS. ed. E ampl. São Paulo: BIREME/OPAS/ OMS, 2017. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org>. Acessado em: 20 de Ago. de 2019.

FORTES, Luciana. **Estratégias de Comunicação no Atendimento em Saúde a Sujeitos Surdos**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa

Maria, Programa de Pós Graduação Distúrbios da Comunicação Urbana. Santa Maria, RS, Brasil. (2012). Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6541/FORTES%2c%20LUCIANA%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: dia 25 de out. de 2019.

FRANCISQUETI, Verônica. TESTON, Elen Ferraz. COSTA, Maria Antonia Ramos. Souza, Verusca Soares de. Sentimentos da equipe de enfermagem ao Atender um paciente com deficiência auditiva: Desafios do cuidado. **Rev. Educação, artes e inclusão**. v13. Paraná, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9529>. Acesso em: 21 de abR.de 2020.

FREIRE, Pires. Hindhiara. Almeida, Maria Antonieta Pereira Tigre. A Percepção do Surdo Sobre o Atendimento nos Serviços de Saúde. **Revista Enfermagem Contemporânea**. Jan./Jun.;5(1):68-77. 2016. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/912>. Acesso em: 25 de out. de 2019.

GALVÃO, Marcus Vinicius Alves. CAMILO, Christiane de Holanda. Direitos Humanos e Educação: Surdos na Escola. **Revista Sinalizar**, 2(1), 35-50. Goiânia, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/45943>. Acesso em: 16 de jun. de 2020.

GODOY, Elenilton Vieira. SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**. v.30, n.03, p.15-41, Julho-Setembro 2014 Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a02.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

GOMES, Letícia Ferreira et al. Conhecimento de Libras Pelos Médicos do Distrito Federal e Atendimento ao Paciente Surdo. **Rev. bras. educ. med.** v. 41, n. 4, p. 551-556, dez. Rio de Janeiro (2017). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000400551&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 24 de out. de 2019.

GUARINELLO, Ana Cristina. BERBERIAN, Ana Paula. EYNG, Daline Backes. FESTA, Priscila Soares Vidal. MARQUES, Jair Mendes. BORTOLOZZI, Kyrlian Bartira. A disciplina de Libras no Contexto de Formação Acadêmica em Fonoaudiologia. **Rev. CEFAC**. Mar-Abr; 15(2):334-340 Paraná, 2013.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n2/159-11.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Amostra Pessoas com Deficiência**, 2010. Rondônia, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/pesquisa/23/23612>. Acesso em 18 de abr. de 2020.

LAMOGLIA, Aliny. Surdez e Direitos Humanos- O que diz o Relatório Mundial Sobre Deficiência da Organização Mundial de Saúde. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento: um enfoque multidimensional** V. 03, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/14327/12639>. Acesso em: 10 de jun. de 2020

MANDELBLATT, Janete. **Os Movimentos Surdos e a luta pelos direitos educacionais das pessoas surdas**. Tese (Doutorado), Departamento de Ciência Política, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/683>. Acesso em: 05 de abr. de 2020.

MARQUETE, VF. Costa MAR, Teston EF. Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde. **Rev baiana enferm.** 32:e24055. (2018). Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/24055/15704>. Acesso em: 25 de ago. de 2019.

MESQUITA, Leila Santos. Políticas Públicas de Inclusão: o acesso da pessoa surda ao ensino superior. **Educ. Real.** v.43 no.1 Porto Alegre Jan./Mar. 2018 Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362018000100255&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 04 de abr. de 2020.

MONTEIRO, Rosa; SILVA, Daniele Nunes Henrique; RATNER, Carl. Surdez e Diagnóstico: Narrativas de Surdos Adultos. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa** Vol. 32 n. esp., pp. 1-7. Brasília. DEZEMBRO DE (2016). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32nspe/1806-3446-ptp-32-spe-e32ne210.pdf>. Acesso em 22 de out. de 2019.

MURTA, Michelle Andrea. FELOMENO, Thais Alessandra Silva. FERNANDES, Thais Mechler. Ensino Da LIBRAS como Instrumento de Inclusão Educacional nos Cursos de Licenciatura: Desafios, Realidades e Necessidades. **Pedagogia**

Em Ação. V.6, N.1, p. 74-84. 2015. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9185>.
Acesso em: 18 de maio de 2020.

NÓBREGA, Juliana Donato. MUNGUBA, Marilene Calderaro. PONTES, Ricardo José Soares. **Atenção** à Saúde e Surdez: Desafios para Implantação da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência. **Rev Bras Promoç Saúde.** 30(3): 1-10, jul./set., 2017 Fortaleza/CE, 2017. Disponível em:
<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6176/pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

OLIVEIRA, YCA de Coura AS, COSTA, GMC et al. Comunicação entre Profissionais de Saúde-Pessoas Surdas: Revisão Integrativa. **Rev enferm UFPE on line.** ISSN: 1981-8963., Recife, 9(supl. 2):957-64, fev., (2015). Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10421/11208>. Acesso em: 25 de ago. de 2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. **O que são os direitos humanos?**. Nações Unidas, 1945. Disponível em:
<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>. Acesso em 05 de jun. de 2020.

PAULA, Liana Salmeron Botelho de. Cultura Escolar, Cultura Surda e Construção de Identidades na Escola. **Revista Brasileira de Educação Especial.** Marília, 2009. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382009000300005. Acesso em: 13 de maio de 2020.

PEIXOTO, Robson de Lima. **Fábulas na comunidade surda: estratégias que concorrem para a clareza e estética da produção.** João Pessoa, 2015. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências Humanas Letras e Arte. 2015. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3609029. Acesso em: 13 de maio de 2020.

PERLIN, Gladis. STROBEL, Karin. História Cultural dos Surdos: Desafio Contemporâneo. **Educar em Revista**, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR 17 Curitiba: UFPR, p. 17-31. 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/03.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2020.

PINTO, Mariê Augusta de Souza. GOMES, Aldalúcia Macêdo dos Santos. NICOT, Yuri Expósito. A Experiência Visual como Elemento Facilitador na Educação em Ciências para Alunos Surdos. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**. Manaus, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/54>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

RODRIGUES, Sílvia Cristina Martini. DAMIÃO, Gardênia Costa. Ambiente Virtual: Auxílio ao Atendimento de Enfermagem para Surdos com Base no Protocolo de Atenção Básica. **Rev. esc. enferm. USP**. v.48 n.4 São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342014000400731&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 de ago. de 2020.

SANCHES, Isline Carizia Borges; BISPO, Larissa Pereira; SANTOS, Carlos Henrique da Silva; FRANÇA, Lays Santos; VIEIRA, Sheylla Nayara Sales. O papel do enfermeiro frente ao paciente surdo. **Rev. enferm. UFPE on line**; 13(3): 858-862, mar. (2019). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-1015888>. Acesso em: 25 de ago. de 2019.

SANTO, Wladia Felix Espírito. SILVA, Valentim da. A Relação do Alfabeto Manual de Libras com a Escrita na Língua Portuguesa pelo Estudante Surdo. **Cardernos PDE**. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3 Paraná, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_edespecial_artigo_wladia_felix_espirito_santo.pdf. Acesso em: 12 de ago. de 2020.

SANTOS, Paulo Roberto de Andrade. **Percepção da Equipe de Saúde, Discentes e Usuários sobre a comunicação com indivíduos surdos na atenção primária**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ensino da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Natal/RN, p. 25, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20208/1/PauloRobertoDeAndradeSantos_DISSERT.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2020.

SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya. BENEDETTO, Laís dos Santos Di. SANTOS, Danielle Aparecida do Nascimento dos. O que é Libras. **Conteúdos e Didática de LIBRAS**. UNIVESP. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47933/1/u1_d24_v21_t01.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2020.

SILVA, Mirella Giovana Fernandes da. NOLASCO, Mariane de Oliveira. FREIRE, Sílvia Helena de Sá Leitão Morais. Importância da língua materna (língua de sinais) na inclusão do aluno surdo. **Revista INCLUDERE / CAADIS** ISSN 2359-5566. Mossoró. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7434>. Acesso em: 10 de abr. de 2020.

SOUZA, Maria F.N.S.; Amanda M.B. Araújo; Luiza F.F. Sandes; Daniel A. Freitas; Wellington Danilo Soares. Raquel S.M. Vianna. Árlen A.D. Sousa. Principais Dificuldades e Obstáculos Enfrentados pela Comunidade Surda no Acesso à Saúde: Uma Revisão Integrativa de Literatura. **REVISTA CEFAC**. Maio-Jun; 19(3):395-405. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v19n3/1982-0216-rcefac-19-03-00395.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2019.

SOUZA, Maria Fernanda Neves Silveira de, et., al. Principais Dificuldades e Obstáculos Enfrentados pela Comunidade Surda no Acesso à Saúde: Uma Revisão Integrativa de Literatura. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 395-405, junho (2017). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462017000300395&lang=pt. Acesso em: 20 de out. de 2019.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos**. Programa de Disciplina. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 10 de abr. de 2020.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Programa de Disciplina. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91978>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

UFES, Universidade Federal do Espírito Santo. **Diretrizes para Elaboração de Projeto Pedagógico de Curso – PPC (Versão Preliminar)**. Espírito Santo, 2016. Disponível em: http://prograd.ufes.br/sites/prograd.ufes.br/files/field/anexo/diretrizes_ppc_-_04-10-2016.pdf. Acesso em: 03 de maio de 2020.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994**. Brasília, 1998. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>>. Acesso em: 29 de abr. de 2020.

VASCONCELOS, Norma Abreu e Lima Maciel De Lemos. **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE LIDERANÇAS SURDAS EM PERNAMBUCO**. Tese (Doutorado) Programa De Pós-Graduação Em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10044>. Acesso em 18 de maio de 2020.

